

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao Desembargador do Tribunal de Justiça, José Olegário Monção Caldas, nos termos da Resolução nº 1.757 de 2017, proposta pelo deputado Jânio Natal.

Convido para compor a Mesa o senhor proponente da sessão, o deputado Jânio Natal; o Sr. 1º Vice-Presidente Desembargador Augusto de Lima Bispo, que neste ato representa o presidente do Tribunal de Justiça, Gesivaldo Nascimento Brito; o Sr. Senador da República Otto Alencar; o Sr. Senador da República Angelo Coronel; o Sr. Deputado Federal Félix Mendonça Júnior; o Sr. Procurador do Estado Sílvio Avelino Pires Brito Júnior, que neste ato representa o governo do estado; a Sr.^a Procuradora-Geral de Justiça em exercício, Sara Mandra; o Sr. Vice-Presidente e Corregedor Desembargador José Edivaldo Rocha Rotondano, que neste ato representa o presidente do Tribunal Regional Eleitoral, deputado Jatahy Júnior; o Sr. 1º Vice-Presidente Desembargador Abelardo Paulo Mota Neto, que neste ato representa a presidente da Associação dos Magistrados da Bahia, a juíza Elbia Rosane Sousa de Araújo; a Sr.^a Defensora Pública Sinara Fernandes Rocha Gomes, que neste ato representa o Sr. Defensor Público-Geral Rafson Saraiva; o Sr. Comandante-Geral da Polícia Militar, coronel Anselmo Alves Brandão; o Sr. Comandante-Geral do Corpo de Bombeiros Militar da Bahia, Coronel Francisco Telles; o Sr. Capitão de Fragata, Frederico, que neste ato representa o Comandante do 2º Distrito Naval, o Vice-Almirante Silva Lima.
(Palmas)

Registrar a presença dos deputados Alex Lima, Niltinho, Pedro Tavares e Vitor Bonfim.

Eu solicito aos deputados aqui presentes que conduzam a este recinto o Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, José Olegário Monção Caldas.

(O homenageado é conduzido ao Plenário.)

Depois de nós ouvirmos o Dobrado Sílvio Caldas, que foi composto..., Silvino Caldas, que foi uma homenagem ao pai do nosso amigo, o Desembargador José Olegário Monção Caldas, eu convido todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino Nacional, entoado pelo tenente Josué Santana da Paz e pelo sargento José Carlos Santos Lima.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Quero registrar a presença dos desembargadores: Maria da Graça Osório; Salomão Resedá; Baltazar Miranda Saraiva; Dinalva Gomes Laranjeira; Gardênia Pereira Duarte; Heloisa Pinto de Freitas Graddi; Ivone Bessa Ramos; Jeferson Alves de Assis; Joanice Maria Guimarães de Jesus; João Augusto Pinto; Lindivaldo Brito; Lígia Maria Ramos Cunha Lima; meu conterrâneo Lourival Trindade; Maria de Lourdes Pinho Medauar; Maria do Socorro Barreto Santiago; Maurício Kertzman; Pilar Celia de Claro; Raimundo Sérgio Cafezeiro; Rosita Falcão e Silvia Zarif. (Palmas)

Quero também cumprimentar todos os juízes, todas as pessoas do mundo jurídico. Acabou de chegar o nosso amigo desembargador Ivanilton Santos da Silva. Agradecer a presença de cada um dos senhores. O deputado Jânio Natal foi muito feliz com a justíssima homenagem.

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Aproveito para passar a palavra ao proponente da sessão, nosso amigo deputado Jânio Natal.

O Sr. JÂNIO NATAL: Prezado colega presidente desta Casa, nosso amigo, nosso líder deputado Nelson Leal; Sr. 1º Vice-Presidente desembargador, Augusto Lima Brito, que neste ato representa o presidente do Tribunal de Justiça da Bahia; Prezado amigo, senador da República, Otto Roberto Mendonça de Alencar; meu amigo senador, companheiro, Angelo Coronel; Sr. Deputado Federal, nosso amigo presidente nacional do PDT, Félix Mendonça Júnior; Sr. Procurador-Geral do estado, Sílvio Avelino Pires Britto Júnior, que neste ato representa o nosso governador do estado; Sr.^a

Procuradora-Geral de Justiça, em exercício, Sara Mandra Rusciolelli Souza; Sr. Vice-Presidente, corregedor, desembargador, José Edivaldo Rocha Rotondano que, neste ato, representa o Tribunal Regional Eleitoral; Desembargador Jatahy Júnior; Sr. Vice-Presidente, desembargador Abelardo Paulo Mota Melo que, neste ato, representa o presidente da Associação de Magistrado da Bahia a juíza Elbia Rosane Silva de Araújo; Sr.^a Defensora Pública, Sinara Fernandes Rocha Gomes que, neste ato, representa o defensor público-geral, Rafson Saraiva; Sr. Comandante-Geral da Polícia Militar, a quem eu também presto a minha continência, coronel Anselmo Alves Brandão; ao nosso comandante-geral do Corpo de Bombeiro Militar que tanto vem prestando relevante serviço ao estado da Bahia, coronel Francisco Júnior Telles de Macêdo; Sr. Capitão de Fragata, Frederico que, neste ato, representa o comandante do 2º Distrito Naval, vice-almirante Silva Lima; Sr. Desembargador do Tribunal de Justiça, nosso grande homenageado de hoje, nosso amigo, querido José Olegário Monção Caldas.

(Lê) “Senhoras e Senhores presentes a esta sessão solene da nossa Assembleia Legislativa. É um privilégio subir a esta tribuna para saudar o meu dileto amigo José Olegário Monção Caldas: um grande homem público, magistrado consciente e cidadão exemplar.

Homenagearemos agora não apenas o homem do direito, o magistrado, o cidadão, mas o seu exemplo de vida – sempre dedicado às mais elevadas causas; em particular, àquelas relacionadas com o direito.

Estamos aqui, familiares, amigos, e admiradores do desembargador Olegário Caldas, congregados neste Plenário, num momento solene, quando esta homenagem ao ilustre magistrado se reveste de importância ainda maior, pois aqui festejamos uma história de vida que aliou ao saber à competência, à transparência, à austeridade e à parcimônia, pela sagrada causa da justiça.

Entendo que louvar os bons exemplos é salutar, didático mesmo, sendo a unanimidade conquistada pela proposição que tive o privilégio de apresentar, propondo a concessão da Medalha Dois de Julho, a maior honraria do estado da Bahia, ao Dr.

José Olegário Monção Caldas, uma homenagem devida pelo Legislativo da Bahia ao Ilustre Desembargador, que pautou toda a sua atuação na magistratura por duas máximas de Rui Barbosa, que cito: ‘A força do direito deve superar o direito da força’ e ‘A justiça é o direito dos mais fracos.’

Senhoras e senhores, tenho a certeza de que o meio jurídico e toda a Bahia comemoram, com alegria e reconhecimento, esta homenagem unânime, homenagem merecida, concedida ao Ilustre Desembargador José Olegário Monção Caldas por tudo que ele tem feito, e fará, com certeza, ainda mais, pela justiça em nosso estado!”

Farei agora um resumo breve, porque está difícil, viu, Olegário? Se eu tiver de homenagear qualquer pessoa agora, eu vou olhar o currículo antes, porque eu levei duas horas lendo o seu currículo. E eu resolvi, inclusive, para vocês me ajudarem a poupar um pouco da minha voz, porque eu tenho um problema na voz e essa voz é a minha normal, eu fiz questão de fazer um folheto com o currículo dele, porque eu tenho certeza que todos nós temos orgulho, mas eu vou, apenas, tentar fazer aqui um resumozinho. Você me perdoe se estiver faltando alguma coisa, mas no caderninho está constando praticamente todos os seus feitos. Farei agora um breve resumo biográfico do nosso homenageado.

“Amigos e admiradores aqui presentes, com ênfase em sua vitoriosa carreira profissional, que não se restringiu apenas à magistratura, marcada, sempre, por sua competência - pautada em um indelével fio condutor: a busca da verdade e da justiça. Este grande homem nasceu na cidade de Nazaré, no dia 6 de março de 1947, filho de dona Maria Benedita Monção Caldas e do nosso saudoso Sr. Silvino de Souza Caldas.

Diplomou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia, em 1973, e ingressou na magistratura em 1981, sendo o município de Taperoá a sua primeira comarca.

Um ano depois foi promovido para a Comarca de Gandu, onde prestou relevantes serviços, sendo transferido em 1985 para a Vara Criminal da Comarca de Camaçari, onde voltou a se destacar pela brilhante atuação.

Por sua competência e merecimento, foi transferido em 1988 para Salvador, onde ocupou inicialmente a 8ª Vara Criminal e, em substituição, presidiu por algum tempo o 2º Tribunal do Júri.

Presidiu também, por dois períodos, a 4ª Turma Recursal do Tribunal de Justiça da Bahia, indo depois para a 18ª Vara Cível, de onde foi promovido para o Tribunal de Justiça, em 16 de março de 2007, com exercício na 4ª Câmara Cível. Em todos estes postos, deu mostras de seriedade e vasto saber jurídico.

Incansável defensor da justiça, Dr. Olegário jamais interrompeu a sua brilhante trajetória: foi presidente da 4ª Câmara Cível e da Seção Cível de Direito Privado do Tribunal de Justiça da Bahia, até outubro de 2013.

Foi, também, corregedor das comarcas do interior para conclusão do biênio 2012/2014 e escolhido corregedor-geral de Justiça do TJBA para o biênio 2014/2016.

Minhas senhoras, meus senhores,

Com o trabalho exemplar conhecido em todo o Brasil, exerceu a vice-presidência do Colégio Nacional de Corregedores de Justiça nos anos de 2014 e 2015, recebendo, no ano de 2016, a medalha de honra do referido colégio.

Apaixonado pela justiça e pelo conhecimento, o desembargador Olegário Caldas participou de dezenas de congressos e cursos de aperfeiçoamento, nas áreas cível e criminal, atuando, inclusive, como palestrante em eventos promovidos pelo Tribunal de Justiça da Bahia, Associação dos Magistrados e Escola de Magistrados da Bahia.

Entretanto, senhoras e senhores, o nosso homenageado, como lembrei anteriormente, não se restringiu apenas à área jurídica.

Ele também atuou profissionalmente como jornalista, conservando a busca da verdade e a correção pessoal como marcas de seu trabalho nesta seara.

Entre outras ações profissionais, ele editou o jornal ‘O Nazareno’...’ – em sua terra, Nazaré das Farinhas. Só faltou você ser ator; procurei e vi que esse homem já foi tudo! Será que ele já foi ator? Mas não vi, acho que ele escondeu – “(...) e também

trabalhou em publicações importantes da Bahia **como** repórter, redator e colunista.

Especialmente, nos jornais *Estado da Bahia*, *Diário de Notícias*, *A Tarde* e *Jornal da Bahia*. Ainda na área da comunicação, foi fundador também do jornal *Tribuna da Bahia* – que no próximo novembro chega ao seu cinquentenário – e atuou também nas revistas *Manchete e Fatos e Fotos...*” Rapaz, é complicado esse homem!

“(...) Mas o jornalista Olegário Caldas, já àquela época, era o que hoje se considera como um profissional multimídia, pois esteve na vanguarda de meios instantâneos (para a época, é lógico) como rádio e televisão, trabalhando como redator e editor de notícias, além de roteirista.

Essa trajetória de trabalho contínuo, em favor do bem comum, obteve, ao longo do tempo, o merecido reconhecimento da comunidade, e o doutor Olegário Caldas foi agraciado com significativas condecorações, como a Medalha do Mérito Judiciário; a Medalha da Polícia Militar da Bahia; e a medalha comemorativa dos 400 anos do primeiro Tribunal de Justiça das Américas.

Também foi honrado com o Título de Cidadão Honorário do município de Gandu e, por lei municipal da cidade de Nazaré, tem o seu retrato compondo a Galeria de Honra do Salão Nobre do Paço Municipal daquela cidade.

Recentemente, em dezembro de 2018, foi agraciado com o Título de Cidadão da cidade de Camaçari...” Acho que ele quer ser governador.

“(...) Recebeu, ainda, o Título de Cidadão da cidade de Salvador, que lhe foi conferido, também por unanimidade, pelos vereadores de nossa capital, e foi homenageado pela Irmandade da Devoção do Senhor do Bonfim com a medalha comemorativa dos 200 anos.

O ilustre desembargador foi homenageado igualmente com a medalha de Amigo da Polícia Militar do Estado da Bahia e também com a Medalha do Mérito do Estado da Bahia e com a Medalha do Mérito Legislativo outorgada pela Câmara dos Deputados, em Brasília...” – fui o autor, com muito orgulho, dessa proposição, não me lembro do ano.

“(…) Mas não ficou apenas nessas condecorações o reconhecimento ao trabalho do Dr. Olegário, pois ele foi agraciado com a comenda do Colégio Notarial do Brasil e com a Placa de Honra pelo desempenho na Corregedoria Geral da Justiça do Estado da Bahia pelo Conselho Federal do Colégio Notarial Brasileiro. Ambas no ano de 2015.

Senhoras e senhores, não querendo me alongar excessivamente...” – não tenho culpa pelo currículo do homem – “(…) quero frisar que, pessoalmente, me sinto honrado, amigo José Olegário Monção Caldas, por ter tido o privilégio de ser o proponente desta comenda, aprovada, repito, por unanimidade nesta Casa...” No dia em que houve a votação, vários colegas meus, inclusive todos que aqui estão neste momento, utilizaram-se da palavra para fazer elogios a sua pessoa. Eu me senti e me sinto muito mais honrado por esse título a V. Ex.^a.

Vou pular esta parte aqui. Por ser uma brincadeira, prefiro pular.

Aqui na Assembleia Legislativa da nossa querida terra mater, fiz repetir aquela homenagem com a Comenda Dois de Julho nunca por esse sentimento de amizade, mas, sim, pelo seu valor, pelo valor que você tem como pessoa, como pai de família, como avô, como filho e como amigo.

Você sempre honrou as suas amizades e todos os cargos em que atuou, sempre com bastante dignidade, com bastante seriedade. E todos nós aqui presentes, seus amigos, deputados, senadores e outras autoridade, nos sentimos orgulhosos de você, José Olegário Monção Caldas.

E quero aqui falar, *in memoriam*, do nosso querido Silvino de Souza Caldas, seu pai; da sua mãe Maria Benedita Monção Caldas, que ainda é viva; do seu filho João Augusto; das suas filhas Maria Carolina, Maria Eugênia e Amanda; e da sua querida esposa e grande companheira Vanja, que também tem uma grande responsabilidade por seu sucesso. E os seus netos, não posso deixar de citá-los, João Gustavo Veloso Caldas e Pedro Veloso Caldas. Enfim, está aqui toda a sua família.

Olegário, que Deus o abençoe, amigo, e que em todas as suas caminhadas, não só como homem da Justiça, mas também como homem de Deus, você sempre seja uma pessoa abençoada.

Boa sorte e tudo de bom para você. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Desembargador, se sinta abraçado por todos aqui nesta Casa.

Este plenário, no seu dia a dia, é bastante efervescente, porque aqui são travados grandes embates. Estamos tendo hoje a alegria de contar com a presença de quatro ex-presidentes da Assembleia: senador Otto Alencar, senador Angelo Coronel, deputado Reinaldo Braga e deputado Gaban. (Palmas)

Sempre aqui, no nosso dia a dia, o tom aumenta, as paixões se evidenciam. Nós procuramos defender, com muito ímpeto, os baianos. Nesta legislatura, então, nós estamos dinamizando muito o nosso trabalho aqui, tanto no plenário quanto nas comissões, sempre procurando trazer para a nossa Casa a discussão dos grandes problemas que atingem os baianos e os brasileiros.

Estamos passando por um momento muito especial da nossa vida. Temos matérias importantes tramitando lá em Brasília, como a reforma da Previdência. Até trouxemos, deputado Félix e senadores, o presidente da comissão especial que tratou desse tema para que as nossas contribuições pudessem chegar ao Congresso Nacional, pois, afinal de contas, é algo que vai mexer muito com o nosso dia a dia.

Também procedemos assim em relação a tantas outras matérias importantes. Ontem mesmo eu estava em Brasília e encontrei o senador Otto Alencar. Discutimos muito a respeito do pacto federativo e sobre a forma perversa de distribuição do bolo arrecadado; achamos que municípios e estados precisam ter uma participação maior para terem meios de ofertar serviços de mais qualidade aos seus munícipes, aos seus habitantes. É fundamental rearrumar isso tudo.

Pois bem, mesmo nesta Casa, onde a divergência é, sem sombra de dúvida, algo importante, nós paramos para fazer uma homenagem em que todos convergem. Nós aqui aprovamos esta comenda por unanimidade, mostrando que Situação e Oposição, Maioria e Minoria, todos nós o abraçamos e o cumprimentamos como uma figura que, sim, precisamos homenagear, porque tem um grande serviço prestado ao estado da Bahia.

Então, se sinta abraçado por todos os deputados dessa atual legislatura e da passada, que lhe outorgaram a Medalha Dois de Julho. Nós aqui estamos tendo a oportunidade de reconhecer toda uma vida dedicada a fazer justiça e a contribuir para que a sociedade seja um lugar melhor para se viver.

Meus amigos e amigas, continuaremos esse processo de homenagem assistindo ao vídeo em homenagem ao nosso desembargador José Olegário Monção Caldas, elaborado pelo deputado Jânio Natal, o cineasta Jânio Natal.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

Parabéns ao desembargador e também ao publicitário Jânio Natal. (Risos)
Diz ele que foi a equipe do gabinete dele.

Quero registrar a presença da desembargadora Aracy Lima Borges; do deputado Jurandy Oliveira; do ex-senador pelo estado de Sergipe Lauro Antônio; do secretário Manoel Vitório; do Pastor Alex Santana, deputado federal; do ex-deputado João Emílio; da minha querida amiga vereadora Ana Rita Tavares e do vereador Téo Senna.

Neste momento, convido a esposa do homenageado, Vanja Gonçalves, sua filha Maria Carolina, representando seu irmão Isaac Caldas, e a desembargadora Maria de Lourdes Medauar, representando todos os desembargadores, para, em nome do Poder Legislativo, fazermos a entrega da Comenda Dois de Julho ao desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia José Olegário Monção Caldas.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso homenageado, desembargador José Olegário Monção Caldas.

O Sr. JOSÉ OLEGÁRIO MONÇÃO CALDAS: É maior do que a gente imagina, é maior do que a gente pode esperar, a emoção. Quero dizer a vocês que aqui, mais uma vez, eu sinto com muito mais força um amor que vai da terra aos píncaros do céu – e que também, além de toda essa imensidão do espaço, no tempo ele é eterno –, que é o amor do meu pai, (palmas) que entrou comigo, escutando o dobrado que um amigo dele fez para ele. Ele, que era músico e ouvia esse dobrado como a música que mais ele gostava, além de muitas outras músicas do cancionero popular brasileiro. Ele gostava muito de música.

Senhores, eu gostaria de não estar tão embargado para lhes falar, mas quero primeiro fazer a saudação ao presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, deputado Nelson Leal. Quero dizer, deputado, que a sua Casa me faz, com essa força das presenças dos meus grandes amigos, muito maior do que eu sou. E eu agradeço de todo coração, em nome de V. Ex.^a, a todos os deputados, os de ontem e os de hoje. Eu digo os de ontem, porque tenho uns amigos aqui que já foram deputados, já foram presidentes aqui da Casa, que me deram a honra também de estar presentes.

Desembargador Jânio, eu tenho em V. Ex.^a um amigo dileto, um amigo querido – deputado Jânio, desculpe (risos) –, um amigo querido, que pela segunda vez me proporciona uma emoção desse tamanho. Hoje é maior porque hoje é Bahia, mas há uns anos em Brasília também recebi uma medalha, que tenho muita honra em tê-la comigo, está no meu gabinete, exposta. V. Ex.^a foi um dos artífices, e eu vivi também um momento de grande emoção.

Sr. Desembargador Augusto de Lima Bispo, meu querido vice-presidente do Tribunal, representando o desembargador presidente Gesivaldo, que há pouco me mandou mensagem, está mandando mensagem que não está passando bem. Mas, eu sei, ele pode até estar mais ou menos, ele tem medo é de passar mal aqui. Mas é porque ele não sabia que o senador Otto estaria presente. (Palmas.) Um dia desses, salvou um

senador lá em Brasília. Com certeza, salvaria o desembargador Gesivaldo e a mim, que eu já avisei a ele: “Cuidado comigo hoje!” Desembargador... Senador! Desculpe. É o costume lá no Tribunal. Quando a gente está no microfone, só fala com desembargador. Senador, lá no céu eu vou lhe agradecer ainda, nos encontraremos! (Palmas). Deputado Felix, querido amigo, muito obrigado por sua presença!

Dr. Sílvio, procurador, representando a Procuradoria Geral do Estado da Bahia, sua presença também me alegra imensamente. Minha querida colega Dr.^a Sara, representando a procuradora-geral de Justiça, estando hoje em exercício, sabe V. Ex.^a há quantos anos somos amigos e colegas, trabalhando juntos, e, tenha certeza, fico muitíssimo feliz com a sua presença, sempre sincera, sempre direta e sempre cheia de coração. Desembargador Roto, meu irmão querido, um beijo no coração – V. Ex.^a está representando o nosso querido colega desembargador Jatahy, que me falou que teria um compromisso, estaria viajando, ele está em São Paulo. Sr. Vice-Presidente Abelardo, vice-presidente da Amab, desembargador Abelardo, quase conterrâneo, minha mãe sempre diz que seu tio avô era um dos maiores amigos do meu avô, e eu fico muito feliz que V. Ex.^a esteja representando a Amab aqui entre nós. Dr.^a Sinara, nossa querida defensora pública, nossa colega, muito obrigado pela presença de V. Ex.^a.

Coronel Anselmo, meu comandante, muito obrigado por sua presença, eu, que tenho uma ligação tão grande com a nossa Polícia Militar do Estado da Bahia, tive a honra de ser professor na academia, aliás, eu não abro mão de ser professor dos grandes oficiais que a Bahia tem e fico muito feliz – minha mulher sabe muito bem disso –, fico muito feliz quando eu vejo um oficial falar comigo e me chamar de professor, tenho o maior orgulho de ter integrado, como professor, integrei e me sinto membro da nossa força invicta. Meu colega de academia também, coronel Telles, comandante do Corpo de Bombeiros do Estado da Bahia, amigo querido, tivemos juntos, também, lá na academia, por muito tempo, e tive sempre seu auxílio, sua presença alegre, lhe agradeço muitíssimo a presença, coronel.

Sr. Capitão-de-Fragata Frederico, comandante Frederico – eu digo que é homem das minas porque ele é especialista em bombardear navios. Então, eu tenho no meu telefone: Fred da guerra de minas, é para eu saber que é ele; comandante Fred: muito obrigado, agradeça também ao almirante, que me deu a honra de caminhar com V. Ex.^a, aqui, hoje. Senador Otto, botaram V. Ex.^a duas vezes, depois a culpa é minha, eu lhe agradeço de novo. (Risos.) (Pausa.)

Eu tenho que fazer, agora, um agradecimento aos meus amigos; a todos os desembargadores presentes; aos advogados; aos promotores; aos queridos servidores desta Casa; aos servidores do nosso Judiciário que estão presentes; agradecer à minha mãe, que não pode estar aqui, hoje – nós tivemos o cuidado de prendê-la para ela não vir aqui hoje: tem 96 anos, e a gente tem hoje um cuidado muito grande, meu irmão Isaque a levou para a casa dele e deu uma enrolada, ela está lá. Ele veio, e ela ficou. Isaque veio, representando todos os irmãos, todos trabalhando. Minhas filhas queridas, Maria Eugênia, Maria Carolina, Amanda. Meu filho Gustavo, coitado, que fez uma audiência no interior, está no carro, mas, neste instante, mandou uma mensagem: “Meu pai, estou na Paralela.” Deve estar entrando aí. Vanja, amor da minha vida, (palmas) eu te adoro. Eu acho que, se não é Vanja, eu nem como e nem me visto. Não tem jeito, eu sou dependente de Vanja em casa, mas meus amigos Zaqueu, Jéssica e Manoel, que são bem próximos da gente, sabem que eu tenho muita felicidade por estarmos juntos. Meu irmão Valfredo, deixei você por último porque da família você é o único que tem cabeça branca, é o meu irmão mais velho, está, ali, sentadinho, ali atrás.

Pois bem, senhores, eu fiz um discurso, e eu vivi a vida toda de escrever. Eu não fiz outra coisa na minha vida a não ser escrever, não aprendi até hoje. Então, desde o primeiro dia em que eu trabalhei – e trabalho até hoje, ininterruptamente, com poucas férias; nunca fiquei desempregado na minha vida, porque entrei no trabalho e não parei mais –, meu trabalho sempre foi escrever. E comecei assim, estou terminando assim, então, quando eu pensei em escrever, eu acho que terminei fazendo uma reportagem para vocês. Eu fiz uma reportagem de uma Bahia que eu vivi, de um momento da nossa

Salvador que se mistura com a minha vida. Por isso que eu peço licença a todos para discorrer sobre esses momentos de que fui testemunha da nossa Bahia.

Por isso, eu quero lhes dizer que desde pequeno vinha a Salvador, com meu pai e minha mãe, e sempre me encantei, eu sempre achava que eu tinha que estar aqui um dia. Até que deixei a minha terra morena, deixei o meu Rio Jaguaripe e vim aqui para Salvador. Alguns meses depois que aqui cheguei, conduzido pelo jornalista e meu conterrâneo Luiz Luzzi, eu conheci a redação dos Diários e Emissoras Associados, na Bahia, na Rua Carlos Gomes. E, como eu já fazia um jornalzinho na minha terra, eu me encantava com o jornalismo, eu quis ser jornalista. Aliás, tenho até testemunha aqui: tem um nazareno que é vereador em Salvador, está aqui junto de mim, Téo Sena, sabe dessa minha paixão pelo jornal, porque eu e o irmão dele fazíamos um jornalzinho, lá em Nazaré, que a gente distribuía de porta em porta. Então, na redação do Diário de Notícias, eu tive uma conversa rápida com o redator chefe, que era Clementino Heitor de Carvalho, fiz um testezinho com ele e saí acompanhando um repórter. Fizemos umas coisas, e ele deixou uma reportagem para eu redigir. Fiz a reportagem. No outro dia, de manhã, a primeira coisa que eu fiz foi correr para uma banca. Comprei o jornal e li, reli de cabeça para cima, de cabeça para baixo, e minha notícia não estava. Fiquei assim, mas voltei para a redação. E lá o Clementino me deu a pauta, um papelzinho recortado, entregue a cada repórter, com o que ele tinha que sair para fazer. Na pauta, não tinha meu nome. Em toda pauta, coloca-se o nome: “fulano, fulano”. Na minha estava assim: “foca”. Aí eu descobri que daquela hora em diante eu era um foca. Eu fiquei feliz, o meu sonho era ser foca. Eu disse: “Pronto, agora estou no caminho, agora eu sou foca.” E a partir dali fui ser foca do Diário de Notícias, e era aquele o longínquo ano de 1965.

Mais algum tempo, virei jornalista de verdade. Depois, fiz um concurso, fui nomeado pelo prefeito Nelson Oliveira, e entrei então no serviço público naquele ano mesmo. E, hoje, neste ano, Sr. Deputado Jânio Natal, eu completo 54 anos de trabalhos dedicados, pelo meu coração, ao povo da Bahia.

Por isso que eu digo que vivi intensamente Salvador. Como repórter eu acompanhei as alegrias e sofrimentos, acompanhei demolições e incêndios famosos, construções de edifícios, estradas, avenidas e monumentos. Acompanhei a política e seus artífices; os movimentos culturais e acadêmicos; as festas e manifestações religiosas; seus artistas e seus boêmios. No jornalismo, tive dois grandes parceiros de reportagens, o fotógrafo e cinegrafista Roberto Gaguinho, Paulo Roberto Elói da Costa, amigo do peito até hoje, e o festejado fotógrafo Anízio Carvalho.

Vale lembrar dos colegas de redação Silva Filho, Antônio Lamenha Lins, Nazareno, Anísio Félix, Zezito Ferreira.

Estimado desembargador Pedro Guerra, ao lado da minha mesa de jornalista no *Diário de Notícias* estava o seu querido irmão Guido Guerra, apontado, naquela época, como afilhado e sucessor do mestre Jorge Amado.

Adiante, fui para o *Jornal da Bahia*. Aí, já era modernidade. Encontrei e fiz grandes amigos: Joca, João Carlos Teixeira Gomes, Samuel Celestino, Lázaro Guimarães, Zé Maria, uma pena ferina, era responsável pelos editoriais mais contundentes daquela época, Flori Matos, Tuna Espinheira, poeta, cineasta. Fizemos cinema juntos. Não fui artista, deputado Jânio, mas eu fui roteirista de cinema. Tivemos filmes premiados.

Do que eu me lembro bem era em torno de um cidadão que vivia na roça, e o mote do roteiro era um versinho que dizia assim: “Terreiro de chão batido, feijão de casa cozido, temperado por muié, minha casinha de sapé.”

Ainda Misael, João Ubaldo Ribeiro, irmão da fraternidade itaparicana, naquela época preparando o primeiro seu grande livro, “Setembro Não Tem Sentido”. Depois me fez personagem de uma de suas obras, “O Sorriso do Lagarto”.

Integrei, Dr. Walter Pinheiro, o grupo de fundadores da cinquentenária *Tribuna da Bahia*, o grande sonho de Elmano Castro.

Daí, cheguei à redação do jornal *A Tarde*. Agora, ao meu lado o professor Adroaldo Ribeiro Costa, dedicado criador da *Hora da Criança*. E, sabemos todos, do

seu inspirado estro nasceu o hino do Esporte Clube Bahia: “Somos do povo o clamor, ninguém nos vence em vibração.”

Dr. João, é... O professor Adroaldo tinha um carro velho, antigo, um carro preto antigo, Oldsmobile, e ele vinha todo o dia para o jornal com esse carro. Só que ele tinha um carinho... o carro tinha lugar certo. Se ele chegasse e a vaga não estivesse, ele não trabalhava, ele voltava para casa. Porque em frente ao jornal *A Tarde* tinha uma árvore, eu nem sei se tem hoje, e tinha a sombra dessa árvore. E o carro dele ficava embaixo. Ele limpava o carro da poeira quando chegava. E na hora de ir embora, ele limpava de novo, para levar o carro para casa.

De quando em vez ao lado de Adroaldo estava sempre o mestre Cid Teixeira, e aí, eu digo, era sempre um encontro de gigantes.

Não poderei deixar transcorrer *in albis* minha passagem pelo rádio, redigindo para o afável Manuel Canário, para quem o maior cantor do mundo era Orlando Silva, em segundo lugar, Frank Sinatra. E na TV fui redator para os apresentadores Mozart Santos, Armando Ulm, o nosso Waldir Serrão, que era o Big Ben, primeiro e maior divulgador do *rock and roll* na Bahia.

Permito-me ainda recordar o maestro Carlos Lacerda.

Minha queridíssima desembargadora Gardênia, ainda escutamos Oswaldo Fabel interpretando, com toda a paixão, “morena bela do Rio Vermelho, seu lindo olhar é um espelho, morena, onde eu vejo o mar”; o Nazareno Oscar da Penha, nosso querido e saudoso Batatinha, nas noites do bairro da Saúde, tocando, bem ritmado, uma caixa de fósforo e cantando o seu samba “Diplomacia”: “meu desespero ninguém vê, sou diplomado em matéria de sofrer”; e o velho Riachão, com o seu gingado malandro e a toalha branca no pescoço.

Nas tertúlias pelos bares, quantos amigos, tantos poetas, quantas saudades. Homenageio a todos os amigos e irmãos daquela época na pessoa do desembargador Eduardo Jorge Mendes Magalhães.

E lembro aos senhores de alguns nomes, como Jehová de Carvalho e a sua “Balada do açougueiro morto”; Tude Celestino de Souza, nos embevecendo, no fim da vida, já cego, mas sempre poeta, sempre declamando bonito. Nos embevecendo, como eu disse, recitando “Candombá”, um dos seus grandes poemas, que diz: “Candombá, queima os papeis da pendenza e mostra no seu luzi, que no sertão da Bahia ainda existe o Brasi”. Também dele “Madalena - Oração 7”, que ele dizia: “Também creio em seus olhos. Ah, eu não me iludo! E se ela é fútil, atra, debochada e traiçoeira, que me importa? Eu gosto dela é com defeito e tudo.”

Tude ainda declamava muito bem o maior poeta da Bahia, depois de Castro Alves, nosso colega servidor público Arthur de Sales, autor do Hino ao Senhor do Bonfim: “Glória a ti nesse dia de glória, glória a ti redentor que há 100 anos nossos pais conduziste à vitória pelos mares e campos baianos”.

Também de Arthur de Sales, Tude declamava um soneto de um ritmo maravilhoso, que é “Lúcia”: “Lúcia chegou, quando do inverno o tredo vento açoitava o coqueiral vetusto, vinha ofegante, trêmula de medo e pálida de susto”.

E para não esquecer, “Ironia Divina”, poema também de Arthur de Sales, que o nosso querido Tude Celestino... Eu brincava muito com ele porque eu tinha um primo que era muito amigo dele e também fazia poesia com ele. E nós chegávamos na casa dele e eu falava: “Tude”. E as vozes eram muito parecidas, a minha e a do Jaime. E ele falava assim: “Monção”. Aí, eu brincava com ele: “Bandido, diga quem é?” Porque ele tinha que dizer se era eu ou era Jaime. Ele só falava “Monção” exatamente para não errar. Ele era um sabido.

E Tude declamava “Ironia Divina”, poema de Arthur de Sales, que diz assim: “Na silenciosa catedral vetusta, penetrei religioso...”

É Pedro? É meu netinho querido que está ali. Gustavo? Ah, graças a Deus, Gustavo chegou. Estava na estrada e eu estava preocupado. Gustavinho? É o meu netinho também, está ali.

Eu vou começar de novo para não perder o ritmo.

(Lê) “Na silenciosa catedral vetusta, penetrei religioso e solitário, unido de uma fé robusta, numa concentração de missionário. De um Cristo macilento e funerário, braços abertos sobre a cruz adusta, vinha uma leve claridade augusta, que iluminava todo o santuário. Aos pés do crucificado orei e chorei por muito tempo ajoelhado. Mas quando o olhar ergui, tremi de espanto. Do altar, por entre as sombras fugidias, oh! ironia atroz das ironias, aquele Cristo ria, ria do meu pranto.”

Assim é que no lirismo das noites ainda encontrei Fred Souza Castro, Ângelo Roberto, Antônio Carlos Brasileiro, o poeta Brasileiro, tão importante. E eu tenho a honra de dizer sempre que ele fez um poema para mim, que ele botou o meu nome. Tem um trecho lá em que ele diz: “Olegário sempre ligado no eterno.”

E bafejado pela brisa que vem do mar em Itapuã com Vinícius e seus parceiros, admirando a conversa sempre amena do nosso Calazans Neto, colhendo – como ele gostava de dizer – as primícias da madrugada.

Os mestres Bimba e Caiçara; a minha amiga, querida amiga China; Mãe Jilu, do Axé Opô Afonjá; os acepipes de Camafeu de Oxóssi e a feijoada de Baia, servida em plena rua, num tabuleiro sobre a calçada; as incursões notívagas, quando nos deleitávamos com a poesia, a música e o flerte, noite adentro, até o romper da aurora.

Meu muito estimado colega desembargador Eduardo Jorge, como nos são caras essas invocações. São as epopeias das musas.

Os périplos pela Montanha, pelo Varandá, onde matávamos as saudades do velho Tabaris de Sandoval Caldas, o Rumba Dancing, a Torre Eiffel, o Anjo Azul, Maculelê, Clarindo e Joaquim do “O Tempo”, um restaurante onde um urubu passeava entre os comensais. Era o bicho de criação dele. Essas eram as noites baianas.

Na sacristia da Igreja de São Pedro dos Clérigos, no Terreiro de Jesus, o major Cosme de Farias atendia à multidão de famintos de Justiça. Depois, ele foi substituído pelo defensor público Aristides Oliveira, o “Trio Elétrico”, muitos colegas nossos o conheceram, os bolsos cheios de pedaços de papel com anotações que só ele

entendia. E a turba o seguia pelos corredores do Fórum, por isso ele era chamado de “Trio Elétrico.

Aos pés da Virgem da Conceição da Praia, o padre Osmar Valeriano Ribeiro, poeta que gostava de fazer *haikai*, ditava homilias as mais belas, e nos centros espíritas Divaldo Franco empolgava e embevecia os corações...”, essa era a minha Bahia.

“(…) E tudo começava na Praça Castro Alves, ante o grande poeta – ‘A praça é do povo como o céu é do condor.’ –, no velho Cacique. Lá estavam reunidos políticos e empresários, advogados que, da tribuna, prendiam todas as nossas atenções, como a verve de Tilson Santana, o sempre elegante Antônio Marques Neto, naquela época ensaiando-se já no magistério, e uma figura muito interessante da nossa Bahia, Walmir ‘Sorete’...”

Era o maior repórter... acho que foi o maior repórter policial de todos os tempos aqui em Salvador, era experiente e sabia tudo! Ele tinha umas coisas muito interessantes: qualquer pessoa pobre era “Zé dos Santos”. Ele dizia: “Pobre é ‘Zé dos Santos’, não tem outro nome, é ‘Zé dos Santos’. Agora, rico... rico não tem nome, rico é ‘Linha Cinco’”. Naquele tempo, os nossos telefones tinham quatro números, e para determinadas regiões já se sabia qual era o telefone: porque 2 era do Comércio; 3 era do Centro de Salvador; e os bairros nobres, linha 5, era um telefone que começava com 5. Então ele dizia que o sujeito era um “Linha Cinco”, sempre alguém que era rico. E ele chamava todo mundo no jornal de “Oh, Seu Porreta”, qualquer pessoa, inclusive Dr. Jorge Calmon.

(Lê) “(…) Pelo Cacique ainda passavam quase que diariamente Floripes, ‘A Mulher de Roxo’, e o nosso Cuíca de Santo Amaro.

Eu juro aos caríssimos presentes que guardo na memória todos os nomes, dezenas! Sei que bastava declinar um deles para que todos, verdadeiras entidades baianas, estivessem representados. Todavia, um nome assoma altaneiro e se traduz em excelsa alegria! Como repórter, pude entrevistá-la, ouvir a sua voz mansa, quase inaudível, seguir seu andar hesitante, o corpo pequeno e frágil e dentro dele a alma

mais forte, determinada, mais poderosa e inolvidável. Vivi tanto a Bahia, que até pude escutar e tocar um ser sublime, uma santa, anjo bom da Bahia, a nossa amantíssima santa Irmã Dulce dos Pobres (Palmas), a quem rogo por todos nós...” (Palmas)

“(...) E aqui estou, Srs. Deputados, meus colegas e amigos, senhoras e senhores que me distinguem com a mais elevada honra das suas digníssimas presenças, aqui estou, genuflexo, a agradecer tão enobrecedora honraria, a mais elevada que me é concedida, a Comenda Dois de Julho.

Dois de julho, data cantada em versos candentes do poeta maior da baianidade: *‘Viver, qual vive esta flor / Juntar as rosas da vida / Na rama verde e florida / Na verde rama do amor!’*

Dois de Julho, vitória e liberdade marcam a data magna da Bahia no longínquo 1823. Na véspera, ouviu-se o troar dos canhões, o corneteiro a todo peito impulsionando a soldadesca para o fragor das batalhas: Maria Quitéria, Joana Angélica, Maria Felipa, comandantes estrategistas, e jovens inexperientes praças, e ainda os voluntários de toda ordem.

Fora do palco das operações de guerra, velhos e crianças eram chamados às orações pelo clamor dos bronzes nas altas torres das igrejas. E no repicar dos sinos, mensagens de fé e esperança. Todos, em uníssono, rogavam ao Nosso Senhor do Bonfim a almejada vitória, a paz com o encerramento das renhidas e sangrentas batalhas.

Da minha querida Nazaré, vinham a farinha, o azeite e o peixe seco, garantindo alimentação para os titãs que, brandindo as suas armas, iam encurralando e expulsando o inimigo da pátria que ainda se formava, momentos que nos são muito caros quando recordamos que, entre Mutá e Matarandiba, na contracosta da Ilha de Itaparica, 21 nazarenos, todos voluntários em armas, desassossegaram o inimigo até fazê-los bater em fuga, fustigados pela tenacidade dos bravos patrícios.

Deles só retornaram 12 e subiram o Rio Jaguaripe com os dois saveiros que os transportavam. Em Nazaré, foram saudados pelo povo, e a guerra os fez tão

irmãos que resolveram fundar uma sociedade literomusical. Deram-lhe as cores alviverde, significando paz e Brasil. Tomaram o nome de uma das musas da mitologia grega, filha de Zeus, a chamada ‘A Amável’, a beleza atávica, de olhos misteriosos e sedutores, instrutora de almas, e que tem o dom de fazer com que seus seguidores sejam dignos e queridos por todos. É a divindade inspiradora dos hinos e representada por uma bela lira. Até hoje, e orgulhosamente eu digo, meu querido desembargador Abelardo, pelo denodado esforço do meu memorável pai, que lhe presidiu os destinos por muitos anos, sobre-existe na terra morena de Clemente Caldas, de Anísio Melhor e de Edgar Matta a Filarmônica Erato Nazarena.

Mas tudo começou, senhores – e eu caminho para o final, e os agradeço a paciência –, quando uma família de indianos, sonhando com o El Dorado, saiu de Goa, num navio, e chegaram... é... à Europa, em Portugal, na foz do Rio Minho...” Desculpem-me, de vez em quando parece que eu vou chorar, mas eu estou segurando. “(...) na foz do Rio Minho”, ali se instalaram perto de uma cidade chamada Monção. Era uma cidadela fortificada, defronte da desembargadora Pilar. E lá, desembargadora Pilar, eles fizeram uma casinha de taipa, que era como se construía casa na Índia, na Índia de 6 mil anos, a nossa velha Índia, e passaram a morar. Construíram um barco, exatamente o mesmo barco que eles construía lá em Goa, de que se serviam, desse barco, para o transporte de pescaria.

Esse barco era diferente dos barcos que navegavam nos rios e mares da Europa, tinha uma vela diferente, tinha um mastro estranhamente resistente, porque não precisava de nenhuma corda, não precisava de nenhum estai, e o mastro se mantinha ereto e firme ainda que o vento, a chuva lhe molhassem e pesassem a vela.

Esse barco era construído a partir de uma régua que é um daqueles milagres da Índia, uma única régua em que, com ela, se mede e se tira o madeirame de qualquer tamanho, para qualquer tamanho de barco, da proa à popa, de um costado a outro. Essa régua se chama “graminho”, e com um graminho na mão eles construíram um saveiro,

e lá eles pescavam um peixe que é muito conhecido no Rio Minho chamado de “sável”, e vendiam, iam para Monção, vender esse peixe.

Contam que uns padres jesuítas, sabendo que essa família de indianos morava naquele lugar, foram lá e obrigaram que eles adotassem nomes cristãos, eles deram os nomes de Manoel, Euzébio, Maurício, Ângelo, Pacífico... Pode estar faltando mais alguém. E eles não tinham sobrenome, eram de Monção. Então, era Manoel de Monção, Pacífico de Monção, o que terminou criando a família Monção com pessoas que nunca foram de Monção. Na verdade, só poucos moraram em Monção, o último deles foi Helena Monção, que hoje mora em Lisboa. E lá em Monção só tem Monção quando eu chego, não tem mais nenhum.

Então, estando lá, o espírito deles de procurarem, talvez, um mundo melhor, um lugar melhor para viver, fez com que voltassem a embarcar e aportassem aqui na Ilha de Itaparica. E eles vieram para a Ilha de Itaparica, se instalaram, e aqui, em Itaparica, construíram outro barco daquele. Só que lá, eles eram pescadores de sável, eram chamados de “saveleiros”; aqui, os saveleiros receberam uma corruptela para o barco, a de “saveiro”. Eles eram saveiros, e o barco saveiro é esse barco que na Baía de Todos-os-Santos foi fator de progresso porque conduzia pessoas e mercadorias do Rio Maragogipe, do Rio Jaguaribe, do outro lado da ilha, das cidades de Santo Amaro, Cachoeira, São Félix, Nazaré, Jaguaripe para Salvador.

Até hoje nós temos alguns saveiros. Eu até espero que tenha sensibilizado os Srs. Deputados, para que alguma coisa possamos fazer para que se preserve um saveiro no museu da Bahia. Eu já pedi a um grande amigo meu que fizesse isso e creio que um dia isso vai sair com a ajuda do meu amigo Nei, que está ali divulgando na sua televisão, e nós vamos... pelo menos antes de perder o último saveiro, porque foi a saga de uma família... (Pausa) (Palmas) De uma família muito pobre que veio da Índia e descobriu o Brasil. Pois bem, senhores, essa história eu queria contar, é a minha história, é um pouco do que eu posso dizer da Bahia, mas é muito que eu posso dizer e entregar aos senhores sobre a minha vida.

Mais uma vez, agradeço a paciência, a bondade de cada um, mais uma vez agradeço aos amores da minha vida, que estão ali, minha mãe que não veio, mas que está representada por todos vocês, meus amores, e meu pai que está aqui comigo. Agradecer ao meu amigo Jânio, deputado querido; deputado presidente; aos senadores, todos os senadores da Bahia vieram aqui hoje, não puderam ficar por causa dos seus compromissos, naturalmente, mas todos vieram aqui e deixaram o decano, meu querido amigo senador Otto. A alegria de ver a Polícia Militar, ladeando a todos; nosso Corpo de Bombeiros e nosso comandante do Corpo de Bombeiro; nosso comandante da Polícia Militar; a Marinha, como os senhores veem, eu sou a segunda geração da minha família que sai do mar, porque até meu avô, todos viveram do mar, só os meus primos e os filhos desses primos que saíram do mar e nós estamos aqui hoje, por isso, também, a nossa Marinha do Brasil está aqui presente. O comandante Fred sabe a alegria que eu tenho de estar com eles, eles me convidam para tudo que eles organizam e eu vou com muito carinho, com muito amor, alguns familiares meus integraram a nossa Marinha de Guerra, integraram a nossa Marinha Mercante e também os fuzileiros navais do Brasil.

Pois bem senhores, eu os agradeço feliz, muito feliz e penhoradamente, muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Registro a presença do deputado Diego Coronel, do desembargador Mário Albiani, de Eduardo Jorge Magalhães e do deputado Jurandy Oliveira.

Eu estava falando, há pouco, com nosso homenageado que foi um dos mais belos e emocionantes pronunciamentos que nós já tivemos a oportunidade de escutar aqui. (Palmas)

Portanto, todos nós estamos emocionados.

Eu convido a todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino da Bahia, entoado pelo tenente Josué Santana da Paz e pelo sargento José Carlos Santos Lima.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Informamos que o homenageado receberá os cumprimentos no salão do Plenário, logo ali ao lado, onde também será oferecido um coquetel.

Em nome da Assembleia Legislativa da Bahia, agradeço a presença de todas as autoridades civis e militares, amigos e familiares do homenageado, das Sr.^{as} e dos Srs. Deputados, da imprensa, e declaro encerrada a presente sessão.